

## ZYGMUNT BAUMAN: VIDA, OBRA E INFLUENCIAS AUTORAIS

David Moiseis Barreto dos Santos<sup>1</sup>

**RESUMO:** Zygmunt Bauman é um dos sociólogos contemporâneos mais profícuos e expressivos. Seus livros têm sido lidos amplamente — concorde ou não com suas ideias —, especialmente, a partir da sua definição de modernidade líquida no início da década de 90. Uma das formas de se compreender o pensamento de um autor é conhecer a sua história, porém pouco se encontra sobre a vida de Bauman na literatura, exceto por um ou outro trecho muito pontual, sobretudo, em entrevistas. Neste sentido, o objetivo deste artigo é descrever e discutir fatos marcantes de sua vida, bem como autores, que influenciaram seu pensamento. Neste trajeto, sempre que oportuno, recapitulamos e discutimos conceitos fundamentais em sua obra como modernidade — sólida e líquida —, ambivalência, amor, entre outros.

**Palavras-chave:** Zygmunt Bauman, biografia, pensamento, autores, conceitos.

**ABSTRACT:** Zygmunt Bauman is one of the most prolific and important contemporary sociologists. Agree or not with his ideas, his books have been widely read since his definition of liquid modernity in the early 90s. One way to understand the thought of an author is to know its history, but there are little information about Bauman's life, except some texts mainly interviews. In this sense, the goal of this paper is to describe and discuss important facts of his life, as well as authors who influenced his. When appropriate, we will discuss fundamental concepts in his work as modernity, ambivalence, love, etc.

**Keywords.** Zygmunt Bauman, biography, thinking, authors, concepts.

---

<sup>1</sup> Doutorado em Difusão do Conhecimento pela Universidade Federal da Bahia (2012). Atualmente é Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Tem experiência e interesse na área de Informática na Educação e Educação em Computação. E-mail: davidmbs@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Zygmunt Bauman é um sociólogo polonês, atualmente professor emérito de sociologia da Universidade de Leeds, o qual tem ganhado notoriedade nas últimas décadas. De maneira especial, tem se dedicado a analisar sociologicamente — sobretudo, a partir do conceito de modernidade líquida (Bauman 2001) — os mais variados temas contemporâneos, tais como política, amor, comunidade, trabalho, consumo, identidade, tempo, entre outros. Para Anthony Giddens, “Bauman tornou-se o teórico da pós-modernidade” (Bauman 2011c). Lançando mão de dados estatísticos, muito comum em sua área de conhecimento, ele prefere, geralmente, falar a partir do cotidiano do ser humano e de um olhar eclético e perspicaz, que vai além dos cânones acadêmicos. Seus textos ainda são marcados pela contundência às questões éticas e humanitárias inerentes da condição humana.

Embora tenha produzido bastante desde a década de 50, é a partir do final da década de 80 que sua obra desponta no cenário mundial, quando justamente começa a se debruçar sobre assuntos relativos à modernidade. No Brasil, a procura pela sua obra cresce no fim nos anos 1990 (Bracht et al. 2012). Desde então, é comum encontrar referências ao autor em inúmeros trabalhos científicos dos mais variados tipos: teses, dissertações, monografias, artigos, etc. Não deixa ainda de ser objeto de estudos de outros tantos trabalhos a exemplo deste período, *Cadernos Zygmunt Bauman*, dedicado a aprofundar suas ideias.

Mesmo diante dessa sua evidente proeminência, não podemos afirmar que é um autor de consenso na academia. Por outro lado, é notável que tem sido lido e discutido cada vez mais. É digno de nota inclusive o interesse não apenas pela comunidade acadêmica, mas também pelos “não acadêmicos” ou pelo público em geral. Dos mais de 50 livros que publicou (Bauman 2010b), mais de 30 já foram traduzidos no Brasil (Zahar Editora 2014) — particularmente, aqueles mais atuais. Destes, com edição brasileira, foram vendidos, pelo menos, 350.000 exemplares até o início de 2014 (Bauman 2014b). Entretanto, na literatura que trata do autor, pouco se aborda sobre os nuances de sua vida até então. São encontrados fragmentos de sua história em uma ou outra entrevista além de breves comentários

em algumas publicações. Podemos até afirmar que, de certa maneira, é proposital, já que o próprio autor não é favorável à exposição da intimidade em público (Bauman 2011a). Neste sentido, a finalidade deste artigo é apontar algumas das principais influências autorais bem como relatar a trajetória de sua vida, reunindo os acontecimentos mais marcantes, para, desta forma, articular criticamente com seu pensamento, com suas principais ideias.

Neste percurso, nossos principais referenciais são duas entrevistas com Bauman, uma para Maria Lúcia Pallares-Burke, na revista *Tempo Social* (Bauman 2004b), e outra para Keith Tester, que tomou a forma de um livro (Bauman 2011a). Ainda podemos incluir informações extraídas de dois livros: o primeiro, de autoria de Felipe Almeida, Ivan Gomes e Valter Bracht (2009), discute ideias do sociólogo polonês aplicadas à educação; e o segundo, cujos autores são Keith Tester e Michael Jacobsen (2005), aborda o pensamento baumaniano entre os de 1953 e 1989. É importante ressaltar que, embora estes sejam os recursos bibliográficos norteadores desta pesquisa, não nos restringimos estritamente a eles, buscando enriquecer, sempre que adequado, com — diversas — outras fontes, sobretudo, de sua própria obra.

## INFÂNCIA E JUVENTUDE

Bauman nasceu na cidade de Posnânia, Polônia, no dia 19 de novembro de 1925. Sendo de família pobre e de origem judia, as oportunidades que poderia ter no futuro em termos de educação universitária não eram promissoras, pois além das universidades polonesas disporem da norma do *numerus clausus* em relação aos judeus, seus pais não podiam financiar seus estudos no estrangeiro como eram comum em famílias abastadas. Tal contexto, todavia, não foi um impeditivo para que se empenhasse no aprendizado. “Como criança, era considerado um aluno esforçado e ávido leitor” (Bauman 2011a, p. 26). Entretanto, sua vida mudaria drasticamente após a eclosão da II Guerra Mundial. Logo após a invasão do território polonês pelos nazistas em 1939, quando tinha 14 anos, fugiu com a

família para a extinta União Soviética — atual Rússia. Aos 18 anos, em 1943, se alista ao exército polaco formado na própria União Soviética (Tester & Jacobsen, 2005; Bauman 2004b, 2011a; Almeida, Gomes & Bracht 2009). Neste interregno se dedica ao estudo da Física motivado por um anseio profundo de desvendar as incógnitas do universo — ou talvez os acontecimentos negativos pelos quais estava passando:

Antes de me juntar ao exército polonês e voltar para meu país natal por essa via, eu fiz dois anos de curso universitário de física por correspondência (na Rússia, os estrangeiros não tinham permissão de viver em cidades grandes, onde havia universidades). Lembro de, como tantos adolescentes, me sentir um tanto apavorado e esmagado pelos mistérios e enigmas do universo e de desejar ardentemente dedicar minha vida a desvendar esses mistérios e a solucionar esses enigmas. Meus estudos no entanto foram interrompidos pelo apelo das armas, quando eu tinha 18 anos, para jamais serem retomados. (Bauman 2004b, p. 303).

Podemos notar aqui uma vida até então sem a característica da fragmentação, isto é, construída em episódios, com “projetos” de curto — ou até mesmo curtíssimo — prazo (Bauman 2011c, 2011d). Pelo contrário, o seu jovem sonho é para se tornar uma idosa realidade, um projeto para a vida inteira:

Quando eu era jovem, isto é, séculos atrás, ficamos impressionados com Jean-Paul Sartre, que nos disse que precisávamos criar o *projet de la vie*, projeto de vida. Temos que selecionar um projeto de vida, temos que prosseguir passo a passo, de forma consistente, ano após ano, chegando cada vez mais próximo desse ideal. (Bauman 2011d).

Esta é justamente uma característica da modernidade, segundo Bauman, em sua fase sólida (Bauman 2001). O objetivo é de estabelecer uma nova ordem, destruindo a tradição e colocando outra em seu lugar, comparativamente superior e duradoura, enfim, mais sólida. Neste contexto, as ações eram planejadas com vistas a um futuro a perder de vista e meticulosamente executadas e controladas ao longo do tempo. Embora o sonho do polonês tenha sido interrompido para assumir uma tarefa militar, é neste mesmo pensamento que seu país se encontra no pós-guerra buscando a sua reconstrução.

## **PÓS-GUERRA: DESAFIOS POLACOS, VIDA PROFISSIONAL E VAGUEIOS.**

Após o fim da guerra — sendo logo nomeado major do exército polonês, um dos mais jovens da corporação —, Bauman retorna a uma Polônia devastada, agora já morando em Varsóvia. A situação do seu país natal é calamitosa:

Eu me vi novamente numa Polônia arruinada pela ocupação nazista, o que se somava a um anterior legado de miséria, de desemprego em massa, de conflitos étnicos e religiosos aparentemente insolúveis e de exploração de classe brutal. Os desafios que meu país confrontava eram, pois, muito maiores do que os do resto da Europa, pois além de reconstruir fábricas e casas, semear campos abandonados e colocar a economia de pé novamente, a Polônia exigia a batalha exaustiva contra uma pobreza sedimentada e contra profundas divisões de classe; a abertura das oportunidades educativas também era tarefa urgente, já que até então elas haviam estado fechadas à grande maioria da nação. Para resumir, a Polônia ainda tinha que aderir ao “projeto de modernidade”, que podia ainda estar “inacabado” na Europa (e ainda hoje está, como insiste Jurgen Habermas), mas que na Polônia de 1945 ainda nem havia começado seriamente. (Bauman 2011a, p. 304).

É diante deste cenário que, em 1946, Bauman ingressa na Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade de Varsóvia. Começou a estudar sociologia, mas logo passou para a filosofia por aquela disciplina ter sido cancelada, por razões ideológicas, pelo governo comunista polonês em processo de “stalinização”, mesmo que breve. Bauman então deu continuidade à sua carreira acadêmica, encerrando o mestrado em Filosofia, mas logo voltou o seu olhar novamente para a Sociologia em seu doutoramento — concluído em 1956 —, quando começou a “destalinização” do governo e o retorno de tal disciplina ao currículo bem como de seus professores. O auge deste período é em outubro de 1956— conhecido como “Outubro Polonês” —, quando, após conflitos internos, o governo do país, embora ainda ligado à então União Soviética, inicia um processo de autonomia, moldando, à sua maneira, o regime comunista vigente. Este acontecimento foi tomado como um novo marco, um tempo de esperanças (Tester & Jacobsen, 2005; Almeida, Gomes & Bracht 2009; Bauman 2011a). A preferência

pela Sociologia em detrimento das outras disciplinas, inclusive a Física, foi motivada pela vontade profunda de reconstrução da Polônia, em prol de um país mais digno, mais humano. Em sua opinião, na visão de mundo daquela época, não havia dúvidas entre os seus contemporâneos que a Sociologia era a área de conhecimento mais adequada para o desafio do pós-guerra:

Erguê-lo (o país, no caso, a Polônia) da penúria e de séculos de atraso era uma tarefa empolgante. (...) (A promessa de) igualdade de uma vida digna para todos (era) mais que suficientemente para deixar sem fôlego um jovem de dezenove anos, recém-chegado da linha de frente. Era possível perder tempo desvendando os mistérios do big bang e dos buracos negros? Que outros buracos negros mantivessem seus mistérios por mais tempo — primeiro vinham meus país em ruínas e o big bang de sua reconstrução.

Você diz que nunca acreditou que a sociologia pudesse mudar o mundo. Bem, eu sim (e não posso jurar que tenha perdido a fé (...)) Sim a sociologia, como você diz, “era parte de um projeto mais amplo”, de fazer surgirem as condições humanas nas quais os seres humanos pudessem viver como humanos. (Bauman 2011a, p. 27)

As pessoas que estavam seriamente empenhadas em levar a sociedade a desenvolver condições mais desejáveis (...) não titubeavam um instante sobre que tipo de conhecimento deveria ser com mais urgência adquirido, dominado e colocado em prática. Certamente só poderia ser a “ciência da sociedade”, a sociologia, a disciplina que surgira para servir ao “projeto de modernidade”. (Bauman 2004b, p. 304).

Neste ínterim, Bauman conhece Janina — falecida em 2009 — na Academia de Ciências Sociais de Varsóvia, com quem se casou e teve três filhas (Tester & Jacobsen, 2005). Para ele, foi amor à primeira vista: “eu lhe fiz uma proposta de casamento e, nove dias depois do nosso primeiro encontro, ela aceitou. Mas foi necessário muito mais para fazer com que o nosso amor durasse e para fazê-lo crescer por 62 anos” (Bauman 2012b). Retomaremos este assunto na seção seguinte, discorrendo sobre a influência dela em sua vida. Em 1951, Bauman se filia ao Partido Comunista Polonês (PCP), se empenhando com dedicação ao desenvolvimento de uma sociedade melhor baseada nos ideais socialistas. Em 1953, acaba sendo expulso do exército polonês por motivos antissemitas. No ano seguinte, se torna então professor da Universidade de Varsóvia — o mais novo até

então.

Entre os anos de 1956 e 1957 passa um ano na *London School of Economy*, realizando um pós-doutorado sobre as classes operárias inglesas. Ainda nesta década, decepcionado sobretudo com o direcionamento que toma o governo comunista da Polônia, o sociólogo polonês abandona a ortodoxia marxista, passando a criticar crescentemente tal governo (Tester & Jacobsen, 2005; Almeida, Gomes & Bracht 2009; Bauman 2011a). Não por acaso, embora tenha trabalho no próprio serviço secreto nacional, em torno de três anos, no início de sua carreira militar, Bauman acaba sendo caindo na mira deste mesmo órgão:

Eu fui alvo de perseguição dos serviços secretos por 15 anos. (...) eu fui espionado, eu fui relatado, eu tive escutas instaladas em meu apartamento, meu telefone foi grampeado, e assim por diante. Fui jogado para longe do exército interno, e no final (...) eu estava expulso da universidade, expulso de qualquer capacidade de publicar. (Bauman 2007)

O desfecho mencionado acontece na década de 60, quando a pressão política em torno do antissemitismo cresceu. Com a revolução estudantil, em 1968, Bauman, dentre outros intelectuais, é acusado de influenciar negativamente estudantes. Na verdade, tais acusações tinham também como pano de fundo um antissemitismo encoberto. Essa panela de pressão, então, acaba culminando na sua expulsão da universidade e num exílio forçado. Acaba se desligando do PCP e se mudando com a família, Janina e as três filhas. Ao comentar sobre uma das autoridades influentes desta época, o general Mieczysław Moczar, o sociólogo diz que “[Moczar] causou muito mal a Janina e a mim, mas não conseguiu conspurcar nossas consciências” (Bauman, 2014a, p. 47). Muda-se para Israel, onde começa a lecionar na Universidade de Tel Aviv, mas tendo também rápidas passagens pelo Canadá e Austrália (Tester & Jacobsen, 2005; Almeida, Gomes & Bracht 2009). Após três anos, é convidado para chefiar o Departamento de Sociologia da Universidade de Leeds, onde finalmente permanece até sua aposentadoria, em 1990. A seguir, um breve resumo e análise do desenrolar destes fatos segundo o

próprio autor:

A partir de 1º de setembro de 1939, houve um emaranhado de itinerários, uma série aparentemente infindável de “desencaixes”, as caixas de moviam rápido demais para que pudesse ocorrer um “reencaixe”. A pedra só parou de rolar, ou pelo reduziu a velocidade, em 1971, quando paramos em Leeds. (...) Se tivesse em posição de escolher, eu agora estaria lhe contando uma história totalmente diferente. (Bauman 2011a, p. 26)

A experiência da infância de ser mantido à força distanciado do mundo a que pertencia e ter recusado o ingresso, pelo dobro do tempo, em função do exílio durante a guerra, no mundo a que tentei em vão me juntar; depois da volta ao lar, uma distância gradual, mas sempre crescente, entre minhas esperanças e expectativas e o caráter repulsivo da realidade, exacerbado pela hipocrisia dos “homens de negócio”; uma curta permanência em outro país (Israel), desta vez com uma experiência de estar “dentro”, mas não ser “do” lugar; e, enfim, a outra metade da vida passada num país tão maravilhosamente hospitaleiro em relação aos estrangeiros (Inglaterra), embora sob a condição de que não pretendam ser nativos. (Bauman 2012b, p. 248).

Ao constatar essa particularidade de sua vida, das sucessivas emigrações — algumas forçadas, muito provavelmente, as mais marcantes —, é quase que natural recorrer aos seus conceitos-metáforas de *turistas* e *vagabundos* para expressar a mobilidade patente de nossa sociedade atual (Bauman, 1998a, 1999a, 2011c); “hoje em dia estamos todos em movimento” (Bauman, 1999a, p. 85), mesmo fisicamente parados, com toques ou cliques em dispositivos info-comunicacionais. Enquanto turistas estão em movimento espontâneo e por fruição, vagabundos estão em movimento forçoso e por repulsão. São dois lados da mesma moeda.

Os vagabundos são o refugio de um mundo que se dedica ao serviço dos turistas.

Os turistas ficam ou se vão a seu bel-prazer. Deixam um lugar quando novas oportunidades ainda não experimentadas acenam de outra parte. Os vagabundos sabem que não ficarão muito tempo num lugar, por mais que o desejem, pois provavelmente em nenhum lugar onde pousem serão bem-recebidos. Os turistas se movem porque acham o mundo a seu alcance (global) irresistivelmente atraente. Os vagabundos se movem porque acham o mundo a seu alcance (local) insuportavelmente inóspito. Os turistas viajam porque querem; os vagabundos porque não têm



outra opção suportável. (...) O que se aclama hoje como “globalização” gira em função dos sonhos e desejos dos turistas. Seu efeito secundário — colateral mas inevitável — é a transformação de muitos outros em vagabundos. Vagabundos são viajantes aos quais se recusa o direito de serem turistas. Não se permite nem que fiquem parados (não há lugar que lhes garanta permanência, um fim para a indesejável mobilidade) nem que procurem um lugar melhor para ficar. (Bauman, 1999a, p. 101)~.

Em outro trecho, ao falar que vagabundos “perdem, física ou espiritualmente, suas raízes” (Bauman, 1999a, p. 102) em consequência das restrições que lhes são impostas, Bauman, mesmo sem querer, pode nos remeter a tal situação em sua vida, como deixa expresso em trechos da sua autoanálise citada anteriormente: “ser mantido à força distanciado do mundo a que pertencia”, “no mundo a que tentei em vão me juntar”, “distância gradual”, “caráter repulsivo da realidade”, “uma experiência de estar ‘dentro’, mas não ser ‘do’ lugar”. É com palavras similares deste último trecho que define o vagabundo em uma de suas obras — embora esta característica, em particular, seja semelhante ao turista —, “onde quer que ele vá, estará no lugar, mas nunca será do lugar” (Bauman 2011c, p. 131).

Na sociedade de consumo, turistas e vagabundos não têm como escapar de serem consumidores, apesar destes serem “falhos”, frustrados, enquanto que aqueles têm êxito em suas tarefas. O que está em jogo é a *utilidade*, se servem ou não às engrenagens do consumo, ou melhor, do consumismo. Para se compreender melhor esta diferença, podemos citar uma entrevista na qual Bauman é interrogado se é pouco ou muito consumista. Ele responde que “não se pode escapar do consumo: faz parte do seu metabolismo! O problema não é consumir; é o desejo insaciável de continuar consumindo... (...) os desejos são infinitos” (Bauman, 2014c). Ainda assim, o que mais desejam os vagabundos são se tornarem turistas um dia e o que mais deixa estes atemorizados é possibilidade, mesmo que remota, de se tornarem vagabundos algum dia. “O vagabundo é o pesadelo do turista, o ‘demônio interior’ do turista que precisa ser exorcizado diariamente.

A simples visão do vagabundo faz o turista tremer — não *pelo que o*

*vagabundo é mas pelo que o turista pode vir a ser*” (Bauman, 1999a, p. 106). Embora a divisão pareça dicotômica, não o necessariamente é, a linha é tênue e muitos não sabem onde — ou em qual papel — exatamente se encontram atualmente. Por ora, o que parece ser mais certo é o que Bauman pontua, em uma das tentativas de caracterizar os perfis de viajantes: o vagabundo é *alter ego* do turista (Bauman, 1998a, 1999a). É importante dizer que, embora tenha permanecido fisicamente longe da Polônia, ela não deixava de trazê-la para perto de seu coração, não a esquecia. Não raro assistia a TV de seu país por satélite e ocasionalmente participava de atividades culturais polonesas (Tester & Jacobsen, 2005). Mais tarde, ainda se tornou professor emérito da Universidade de Varsóvia (Bauman, 2011a).

#### **FORMAÇÃO, AUTORES E OUTRAS INFLUÊNCIAS.**

A formação de Zygmunt Bauman na Universidade de Varsóvia foi bastante peculiar, em um período bastante oportuno, segundo seu ponto de vista. Neste sentido, uma primeira característica era o sentimento de urgência entre os sociólogos quanto ao trabalho a ser feito, uma “contribuição para a batalha por uma sociedade melhor, mais hospitaleira aos seres humanos e à sua humanidade” (Bauman 2004b, p. 310). Outra característica, e talvez a mais marcante em relação aos outros centros acadêmicos, é a compreensão das diversas linhas de pensamento como complementares em vez de ortogonais, rivais, como acontecia — e ainda acontece — na maior parte das universidades ocidentais (Bauman 2004b, 2011a). O interessante é que ele só percebeu que esse cenário era realmente diferenciado na medida em que começou a conhecer mais de perto outras universidades:

o Departamento de Filosofia e Sociologia da Universidade de Varsóvia se tornou um centro fértil de pensamento, no qual todas as áreas das múltiplas tradições da sociologia eram colocadas sob o mesmo teto e se engajavam numa convivência mútua. (...) Quando, no fim da década de 1950, comecei a visitar lugares no estrangeiro,

fiquei impressionado com a unilateralidade e o perfil estreito das visões de sociologia ensinadas em outras partes do mundo. Em que lugar, senão em Varsóvia, as tradições marxista e positivista, sociologias científicas e humanistas, abordagens evolucionistas e estruturalistas, visões “naturalistas” e “culturalistas” da realidade social, estratégias estatísticas e hermenêuticas eram ensinadas lado a lado, como alternativas vivas, complementares e não excludentes, livres da camisa de força cronopolítica? A compreensão que meus professores em Varsóvia me inocularam era a de um discurso permanente e distante de uma conclusão, de autocrítica e recapitulação contínua. (Bauman 2011a, p. 29).

Nesta perspectiva ainda pode ser incluída a Filosofia. Não havia antagonismos. Sociologia e Filosofia, para ele, foram aprendidas como parte de um todo:

combinar os papéis de “sociólogo” e de “filósofo” (...) pode parecer esquisito agora e no mundo anglo-saxão (ou nas partes do mundo nas quais o desenvolvimento das ciências sociais seguiu um padrão americano após a Guerra). Mas nem sempre, nem em todos os lugares, foi assim... Certamente não era assim na Polônia, onde, como em grande parte da Europa, a sociologia foi concebida, gestada e incubada dentro do pensamento filosófico — como parte, ou ramo, da filosofia. Fui educado e treinado no Departamento de Filosofia e Sociologia, e não me recordo de nenhum conflito entre as duas partes do mundo acadêmico: ambas pareciam assumir que eram “naturalmente” parte de um todo, talvez se vissem mesmo como gêmeos siameses, ou até gêmeos holocéfalos! (Bauman 2004b, p. 304-305).

Desta forma, é possível compreender a certa facilidade com que tramita, em seus escritos, por autores de diferentes correntes. Por isso, Testar e Jacobsen (2005) o definem como “um estranho tanto em termos de sua própria biografia e em termos de sua relação com as formas dominantes da sociologia”<sup>2</sup> (p. 15). O legado desta visão é atribuído por Bauman, especialmente, a dois de seus mestres na Universidade de Varsóvia: Julian Hochfeld e Stanislaw Ossowski (Almeida, Gomes & Bracht 2009; Bauman 2004b, 2011a).

Para citar alguns autores que o influenciaram, podemos retornar à Polônia da

---

<sup>2</sup> A concepção de estranho aqui segue Georg Simmel, caracterizada, em suma, por uma liberdade maior do que os habitantes locais por examinar as condições com menos preconceito e por não estar arraigado por hábitos ou antedecentes.

década de 50. Neste tempo, está a fase marxista do seu pensamento (Almeida, Gomes & Bracht 2009; Tester & Jacobsen, 2005), inclusive uma mudança de ponto de vista em relação a obra de Marx.

Frustrado com a diferença que percebia entre a teoria e a prática, oficializada e manifesta no regime comunista do seu país, correu o risco de ir para o outro extremo, o “antimarxismo”, como aconteceu com tantos outros desencantados. Através das leituras que fez de Antônio Gramsci, em especial, do “Cadernos do cárcere, segundo ele, conseguiu “salvar o núcleo ético [de Marx], assim como o potencial analítico que eu não via motivos para descartar da carapaça rígida em que ele fora encerrado e reprimido” (Bauman 2011a, p. 36). De modo mais particular, percebeu que o mundo pode ser construído por homens e mulheres, agentes sociais, e não apenas por um Partido ou qualquer outra abstração similar de estruturas sociais. Existiam outras alternativas a serem arquitetadas (Almeida, Gomes & Bracht 2009, Bauman 2011a). Neste período que se delonga até a década de 70, vive a fase marxista de seu pensamento, quando se dedica a analisar relações entre capitalismo e socialismo (Almeida, Gomes & Bracht 2009).

Em seguida, nos anos 80 e no final dos 90, está a fase moderna do seu pensamento, na qual desenvolve uma crítica da modernidade. É marcada, sobretudo, pela publicação da trilogia “Legisladores e intérpretes” (1987), “Modernidade e Holocausto” (1989) e “Modernidade e Ambivalência” (1991)<sup>3</sup>. Neste tempo, um autor citado que retrata o seu pensamento é Michel Foucault. O modelo panóptico da sociedade disciplinar frequentemente é aludido em suas obras (Bauman 2001, 2010b), a exemplo deste trecho:

O modelo panóptico do poder moderno concebido por Michel Foucault (concebe que) o fator decisivo desse poder que os supervisores ocultos na torre central do Panóptico exercem sobre os internos mantidos nas alas do edifício em forma de estrela é a combinação da total e constante visibilidade desses últimos com a invisibilidade igualmente total e perpétua dos primeiros. Sem

---

<sup>3</sup> Anos de lançamento da primeira edição da obra original.

jamais saber com certeza se os supervisores os estão observando ou se sua atenção desvia-se para outras alas, se estão dormindo, descansando ou atentos, os internos devem se comportar o tempo todo como se estivessem efetivamente sob vigilância. Os supervisores e os internos (sejam eles prisioneiros, trabalhadores, soldados, alunos, pacientes ou outra coisa) residem no “mesmo” espaço, mas são colocados em situações diametralmente opostas. A visão do primeiro grupo não é obstruída, enquanto o segundo precisa agir num território de névoa, opaco. (Bauman, 1999a, p. 41).

Um dos objetivos da modernidade era estruturar um código de comportamento que serviria para qualquer indivíduo e que não poderia haver outra escolha senão obedecê-lo. Comportamentos ambivalentes não deveriam ser tolerados socialmente, mas sim punidos e corrigidos. Portanto, “o estabelecimento da ordem era, acima de tudo, a tarefa de generalizar, classificar, definir e separar categorias” (Bauman, 1998a, p. 53). Aqueles que estavam de acordo o código e aqueles que não estavam de acordo. Nas instituições educacionais, cuja finalidade, em suma, era moldar o comportamento do cidadão e formá-lo — oferecendo um pacote de conhecimentos para um determinado papel social —, os professores tinham então uma função especial. “Ser educador consistia em, antes de mais nada, ser especialista na supervisão e imposição de disciplina, conferindo o cumprimento das regras pelos educandos (...) o propósito maior da educação é ‘ensinar a obedecer’; mais importante do que a atmosfera de conhecimento, é a atmosfera de adestramento” (Santos 2012, p. 85). Na verdade, Bauman (2010a) chama a atenção para dizer que esse modelo é pré-moderno, sendo que houve uma falência dos agentes de vigilância de até então. Neste contexto, surge um agente novo e mais fortalecido: o Estado. Em parceria com o Estado, a ética na modernidade era construída a partir daquilo que legisladores (ou intelectuais) — aqueles que se dedicavam às preocupações globais sobre a verdade, o juízo e o gosto da época (Bauman 2010a) — afirmavam como verdade. O comportamento humano seria julgado e classificado como adequado ou não de acordo o código ético estabelecido.

Sujeitos “comuns” não seriam capazes de definir o que é “bom” ou “mau” e, conseqüentemente, de ter uma conduta apropriada para a construção de uma “boa”

sociedade. A tarefa é delegada para as autoridades, os gestores éticos da sociedade. A obediência à norma torna-se mais essencial do que a responsabilidade pelo Outro, chegando ao extremo no Holocausto, quando se produziu racionalmente a indiferença e invisibilidade moral. Um exemplo citado por Bauman é o de Adolf Eichmann, militar condecorado da Alemanha Nazista, grande responsável pela logística de extermínio dos judeus. Segundo o próprio Eichmann — e o seu advogado —, ele era inocente, pois apenas cumpria ordens, um burocrata extremamente eficiente, seguindo as normas da época. Para Bauman (1998b, 2011c), tal eficiência foi adiante por permitir que a violência fosse autorizada (pelo Estado) e as vítimas dela, desumanizadas (por razões ideológicas). Aliás, aqui é relevante destacar o quanto o pensamento de Hannah Arendt é refletido na obra baumaniana e, de modo especial, a partir do seu livro que trata justamente da aparência e comportamento inesperados deste oficial nazista: “Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal”.

A essa altura, é preciso falar de mais dois autores, Mary Douglas e Emmanuel Levinas, que o ajudam, respectivamente, a apontar lacunas do modo de ser moderno e perspectivas para superá-las. A primeira tem interface com o conceito de ambivalência, marcante na obra baumaniana. Como dissemos, uma prática comum da modernidade, objetivando o controle social, era a classificação, especialmente, de maneira dual (ordem e desordem, vigilante e vigiado, certo e errado, etc), pois “o pecado irredimível do estranho é (...) a incompatibilidade entre a sua presença e outras presenças, fundamental para a ordem do mundo” (Bauman, 1999b, p. 70).

O propósito da regulação é eliminar a ambiguidade situacional e a ambivalência comportamental. A questão, porém, é que o ajuste entre a grade conceitual (a regulação sempre implica dividir e classificar) que serve como esquema da futura realidade ordenada e a ‘realidade realmente existente’ a ser reconstruída à semelhança dessa grade dificilmente é perfeito. Por esse motivo, quase toda medida regulatória traz à luz novas ambiguidades e ambivalências que exigem novas medidas, e a corrida nunca termina. (Bauman, 2011a, p. 92-93).

Em outras palavras, o ato de classificação é extremamente passível de ambivalências à medida que se aproxima da linha divisória que separa os lados. Douglas, em “Pureza e perigo” traz justamente tais efeitos sociais da ambivalência (Bauman, 1999b, 2011a). Na verdade, mais do que turista, talvez Bauman tenha personificado, vivido o ambivalente. O turista é um conceito mais recente, da sociedade líquida, de consumidores, fazendo alusão, portanto, como vimos, a indivíduos que falham na sua tarefa de comprar; por isso, é *persona non grata*. Já o ambivalente é aquele indivíduo que se encaixa em mais de uma categoria, ou de outra forma, em alguma coisa foge da estrutura da ordem, não se encaixa nela. Assim, uma das principais lutas modernas era combater — ou mesmo eliminar — as ambivalências da condição humana por esta ser uma ameaça ao processo de estabelecimento da ordem. E a condição de ser judeu contribuiu para isso como fica visível na análise que faz sobre tal condição na Europa moderna (Bauman, 1999b):

Dependendo do lado pelo qual se olhasse os judeus, eles — como os prismas — involuntariamente refratavam visões inteiramente diversas: uma de classe inferior, rude, sem requinte, brutal, e outra de classe superior, cruel e arrogante. (p. 64)

Os judeus eram não somente diversos de qualquer outra nação; eram também diferentes de quaisquer outros estrangeiros. Em suma, eles minavam a própria diferença entre hóspedes e hospedeiros, entre nativo e estrangeiro. (...) Ao inundo entupido de nações e Estados-nações abominava o vazio nacional. Os judeus encontravam-se nesse vazio: eram o vazio. (p. 73-74)

Foi justamente por sua descendência judia que o sociólogo teve que sair às pressas do seu país após a invasão nazista. Fora expulso da universidade e forçado ao exílio. Um se por em movimento sem escolhas, de maneira forçosa, praticamente escorraçado. Eis a semelhança que se encontra entre ambivalente e vagabundo. Não é à toa que uma das metáforas — artifício recorrente em sua obra — para descrever o “espectro medonho” da modernidade sólida era o “espectro das botas dos soldados esmagando as faces humanas”, isto é, daqueles que não se encaixavam na ordem, dos ambivalentes (Bauman 2004b, 2011c).

Quanto a Levinas, quando aparece em seu pensamento, em “Modernidade e

Holocausto”, surge como contraponto à visão de Durkeim, na qual a moral é um produto da sociedade e uma espécie de contrato de controle social, o que dificulta contestar a moral de qualquer norma. Em vez disso, faz-se mister responder de outra forma, promovendo a sociedade, fazendo com que ela manipule a moral e não a produza. Para tanto, é preciso se desvincular das “opiniões da maioria” e armadilhas institucionais (Bauman, 1999b; Aquino 2011). Aí é que entra Levinas, com sua primazia de que a ética precede a ontologia — para Bauman, o maior filósofo ético do século XX (Bauman, 1998b). Dentre as reflexões que Bauman faz de seu pensamento, está a responsabilidade. Ser moral significa ser responsável pelo Outro, este ser precioso que solicita o meu esforço em promovê-lo. O existir é um *existir-para*. Sou para o Outro, quer ele seja para mim ou não. Reciprocidade é assunto dele. Não posso descrever o Outro, senão apenas responder. O outro é alguém que não posso ficar indiferente (Bauman, 1997, 1999b, 2011c). Portanto, não é difícil compreender as palavras de Tester e Jacobsen (2005), quando dizem que “a personalidade e os escritos de Bauman, irradia humildade, generosidade e sensibilidade para com o sofrimento dos outros” (p. 14). E ainda fazem questão de frisar de que não se trata de “autoconsciência excessiva ou auto-apresentação artificial, mas uma aspiração modesta — praticada com energia febril e incessante convicção — para entrar em acordo com a condição humana e suas conseqüências, muitas vezes desumanas” (Tester e Jacobsen 2005, p. 14).

Indo além de seus escritos, pelo que pouco que temos relatado de sua vida, Bauman demonstra realmente encarnar o que fala, o que defende; neste caso, em especial, uma ética da alteridade. É “com recepção calorosa que sempre recebe onde quer que ele frequente, se conferências internacionais de destaque ou apresentações menores em lugares próximo ao seu coração” (Tester & Jacobson 2005, p. 14). Alguns entrevistadores também têm impressões que vão nessa direção. Eis breves depoimentos:

Gentil, modesto e reservado, Zygmunt Bauman aceitou prontamente ser entrevistado para o público do Brasil (...) recebeu-me em Leeds, na confortável casa onde mora desde que ali



chegou (...) Extremamente hospitaleiro (algo muito próprio dos europeus do Leste, como dizem), Bauman entremeou reflexões sobre sua obra e sua vida com idas à cozinha para servir chá quente e com oferecimentos insistentes de caprichados canapés de salmão e outros petiscos cuidadosamente dispostos na pequena mesa de sua biblioteca. (Bauman 2004b, p. 303)

(...) Você não podia vir para o congresso porque sua prioridade absoluta era ficar perto de sua esposa, Janina, que estava gravemente enferma. De qualquer modo, permitiu que eu e nosso *cameraman* lhe fizéssemos uma visita e registrássemos o precioso vídeo de sua palestra de vinte minutos. (Bauman 2013, p. 7)

Abre a porta com postura amável e receptiva. (...) De cara, pede meu casaco e conto a ele o que ocorrera um minuto antes em frente a sua casa [a irmã do entrevistador acabava de apertar o dedo na porta do táxi]. Inevitável não fazê-lo. Me responde: “Que falta de sorte”, e se mostra preocupado com minha irmã. Me conta que preciso falar um pouco mais alto, pois, pela mesma falta de sorte, seu aparelho auditivo quebrara nessa mesma manhã. Convida-me a entrar numa sala que mais tarde fui perceber ser o local do contato dele com o mundo. Dali escreveu grande parte dos mais de 70 livros já publicados em diversos países. Me pergunta se quero chá ou café e, sob a mesa de centro, coloca um cesto com pães doces e croissants de chocolate. Agradecido, escolho café, e ele insiste que coma um pãozinho. (Manfio, 2012)

Esta amabilidade também demonstra sobressair em sua relação com Janina, que abordaremos na próxima seção. De outro modo, este posicionamento — teórico e prático — reflete a esperança que Bauman tem no ser humano de construir um mundo melhor do este que vivemos. Isso fica evidente quando é constantemente instado se ele se autoclassifica como pessimista (Bauman 2004b, 2009b, 2009c, 2014b), já que muitos críticos o veem assim — provavelmente, por suas duras e sucessivas críticas à sociedade contemporânea, isto é, à sociedade de consumo e seus mecanismos perversos. Suas respostas têm ido nessa direção:

Não me considero um pessimista. Se eu fosse, por que escreveria? Mas também não sou um otimista. Quem são os otimistas? As pessoas que acham que o nosso é o melhor dos mundos. E os pessimistas? Pessoas que suspeitam que os otimistas talvez estejam certos.

Existe, porém, uma terceira atitude possível: a da esperança, da confiança na capacidade que o ser humano tem de ser sensato e digno. Acredito que o mundo que habitamos pode ser melhor que hoje; e podemos fazer com que ele seja mais "amigável", mais

hospitaleiro, para a dignidade humana.

Franz Kafka expressou aquilo em que acredito de uma forma muito melhor do que eu seria capaz de fazer: “Se você não achar nada nos corredores, abra as portas. Se você achar que nada há além dessas portas, há outros andares. E, se você não achar nada ali, não se preocupe, suba outro lance de escada. Enquanto você não parar de subir, as escadas não terminarão sob seus pés, elas continuarão a crescer sempre.” (Bauman 2010c, p. 81)

Embora Bauman realmente seja incisivo em suas críticas à sociedade atual, ao consumo, ao capitalismo, ele não para neste ponto, mas aponta perspectivas e muitas delas justamente a partir de Levinas (Bauman, 1997, 1998b, 2011c). É importante destacar ainda que Bauman concorda inteiramente com o pensamento levinasiano no que toca a radicalidade da responsabilidade pelo Outro, a qual tem peso de santidade, isto é, “um padrão além e acima da medida de decência moral (...) partilhada e universal. (...) Um padrão — assim seja — do impossível” (Bauman, 1997, p. 64):

Os santos são santos porque não se escondem atrás dos ombros largos da Lei. Eles sabem, ou eles sentem, ou eles agem como se sentissem que nenhuma lei, por mais generosa e humana seja, pode exaurir o dever moral, traçar as consequências do “ser para” até a seu fim radical, até a escolha extrema de vida ou morte. Não quer dizer que para ser moral se precise ser santo. Não quer dizer também que escolhas morais sejam sempre, diariamente, questões de vida e morte: a maior parte da vida é levada em distância segura das escolhas extremas e últimas. Mas quer dizer que a moralidade, para ser eficaz na vida mundana não-heróica, deve-se talhar segundo o tamanho heróico dos santos; ou, antes, manter a santidade dos santos por seu único horizonte. A prática moral pode ter só fundamentações impráticas. Para ser o que ela é — a prática moral — ela deve estabelecer-se padrões que não pode alcançar. E ela nunca pode apaziguar-se a si mesma com auto-seguranças, ou seguranças de outras pessoas, de que os padrões foram atingidos. É, em última análise, a falta de autojustificação, e a auto-indignação que essa produz, que são as trincheiras mais invencíveis da moralidade. (Bauman, 1997, p. 96)

Finalmente, a partir do final dos anos 90, começar a construir explicitamente seu conceito de liquidez. Trata-se de uma metáfora para debater o estado atual da modernidade, no qual tudo — ou quase tudo — “não se atém muito

a qualquer forma e está constantemente pronto (e propenso) a mudar” (Bauman, 2001, p. 8). Crenças, tecnologias, estilos de vida mudam antes mesmo de se tornarem hábitos ou tradições, ou seja, antes de se “solidificarem”. Desta vez, outra trilogia abre espaço para este caminho: “Globalização, as consequências humanas” (1998), “Em Busca da Política” (1999), “Modernidade líquida” (2000)<sup>4</sup>. Inaugura, assim, a fase mosaica do seu pensamento (Almeida, Gomes & Bracht 2009; Tester & Jacobsen, 2005), na qual começa desenvolver análises de variados temas sob o prisma da liquidez: segurança, identidade, laços humanos, consumo, etc.

Neste contexto, Richard Sennett tem certo grau de influência, mormente, na ênfase que dá à idéia de corrosão entre a esfera pública e privada (Bauman 2011a). O “interesse público”, antes concentrado em uma agenda social pautada no diálogo entre “problemas privados e questões públicas” em busca de soluções da sociedade para problemas privados, agora está redirecionado para construir soluções privadas para problemas públicos. Tal interesse “é reduzido à curiosidade sobre as vidas privadas de figuras públicas e a arte da vida pública é reduzida à exposição pública das questões privadas e a confissões de sentimentos privados (quanto mais íntimos, melhor)” (Bauman 2001, p. 46) — Bauman (2008) chega a denominar esta sociedade de confessional. Esta falta do “cidadão interessado” somado ao desinteresse do capital pelo território tem esvaziado cada vez mais o espaço público (Bauman 2001). A recusa do sociólogo polonês de expor sua intimidade, como mencionamos inicialmente, parece ir justamente ao encontro desta percepção, evitando, desta forma, entrar no joguete de “culto à celebridade”, de exposição da vida privada em detrimento do enfraquecimento da vida pública. Deste ângulo, Keith Tester acaba jogando com as palavras ao definir o sociólogo polonês como “um homem privado que nos convida a participar da vida pública” (Bauman, 2011a, p. 14).

Evidentemente ele continua com autores de outrora, que já estão em sua bagagem. É essencial ressaltar que não daremos conta de tratar de todos autores que de alguma forma estão presentes em seu pensamento. Primeiro, pelo seu estilo

---

<sup>4</sup> Anos de lançamento da primeira edição da obra original.

eclético. Segundo, como vimos, a sua tendência não é isolar ou afastar este ou aquele autor; pelo contrário, parece ser sorver de cada um o necessário para construir seu ponto de vista, quase beirando uma abordagem complexa. Terceiro, pela própria limitação de espaço deste trabalho. Todavia, colocamos a seguir uma lista resumida referida pelo próprio sociólogo polonês, na qual contém autores contemporâneos, que ainda estavam ativos no ano 2000, quando foi realizada a entrevista:

Numa lista curta, eu incluiria de pronto: (...) Richard Rorty, Anthony Giddens, Claus Offe, Pierre Bourdieu, Ulrich Beck, Claude Lévi-Strauss, Loïc Wacquant, Michel Maffesoli, Odo Marquard, Nils Christie, Hanningue Bech, Alberto Melucci, para citar alguns daqueles que continuam escrevendo e me fornecendo novas idéias. Mesmo essa lista está longe de ser completa. Sinto-me em débito com muitos outros autores. (Bauman 2011a, p. 45)

Além deles, queremos fazer mais dois destaques, a Janina Bauman e à literatura, ambos com enorme peso em parte dos textos baumanianos. Trataremos deles, portanto, nas subseções seguintes.

### **JANINA BAUMAN: SOFRER E AMAR**

Janina teve um importante papel na vida de seu esposo, em especial, em relação a sua visão do Holocausto. Os dois experienciaram o nazismo de formas bastante distintas e peculiares. “Ao contrário de Janina, consegui escapar da ocupação nazista, e meus únicos encontros pessoas com os nazistas (alguns anos após a invasão da Polônia) foram pelo cano de uma arma” (Bauman 2011a, p. 26), se referindo quando lutou pelo exército polonês na frente russa. A experiência de Janina foi dolorosamente marcante, vivenciada no cotidiano da ocupação nazista, escapando da morte inúmeras vezes ao lado da mãe e da irmã graças a solidariedade de tantas pessoas. Até ter acesso a detalhes desse cotidiano, Bauman (1998b) detinha uma imagem cristalizada e popularizada do Holocausto, muitas vezes resumida num divisão dicotômica entre sanguinários loucos e vítimas:

Partilhava uma imagem do Holocausto com tantas outras pessoas da minha geração e das gerações mais novas: um crime horrendo perpetrado por gente iníqua contra inocentes. Um mundo dividido entre assassinos loucos e vítimas indefesas, com muitos outros ajudando as vítimas quando podiam, mas a maior parte do tempo incapazes de ajudar. Nesse mundo, os assassinos assassinavam porque eram loucos, cruéis e obcecados por uma idéia louca e depravada. As vítimas iam para o matadouro porque não eram páreo para o inimigo poderoso armado até os dentes. O resto do mundo só podia assistir, atordoado e agoniado, sabendo que apenas a vitória final dos exércitos aliados contra o nazismo poria fim ao sofrimento humano. (p. 9)

Esta percepção demorou a mudar pelo silêncio de Janina que, com cicatrizes profundas, preferiu não tocar no assunto por um longo período:

Levei 40 anos para me sentir pronta para escrever este livro. Durante todo esse tempo eu quase não pensei no passado. Nunca falei com minha mãe ou minha irmã. Nunca contei a meu marido e a minhas filhas toda a história da minha sobrevivência. Preferi esquecer. As imagens terríveis só retornaram em meus sonhos. (Janina 2005, p. 7).

Bauman (1998b) só se deu conta de elementos que engendravam a “máquina” nazista de extermínio após ler o livro autobiográfico dela: “comecei a pensar em como eu desconhecia os fatos — ou melhor, em como não pensava direito sobre eles. E me ocorreu que realmente não compreendia o que acontecera naquele ‘mundo que não foi o meu’ ” (p. 9). Ele precisou ir além da sua experiência para compreender o Holocausto. Logo após o lançamento do livro de Janina, não demorou para colocar no prelo “Modernidade e Holocausto” que, inclusive, acabou premiado como melhor livro de sociologia da Europa em 1989. “Reeditar” a percepção do Holocausto se tornou, dentre outras coisas, um dever moral:

este livro jamais existiria se não fosse por minha amiga e companheira de toda a vida, Janina, cujo “Inverno de manhã”, livro de reminiscências dos anos de infâmia humana, abriu meus olhos para o que normalmente nos recusamos a ver. Escrever *Modernidade e Holocausto* virou uma compulsão intelectual e um dever moral assim que li o sumário de Janina sobre a triste

sabedoria que ela adquiriu no círculo fechado do inferno criado pelo homem: “A coisa mais cruel da crueldade é que desumaniza suas vítimas antes de destruí-las. E a mais dura das lutas é continuar humano em condições inumanas.” Foi a amarga sabedoria de Janina que tentei encerrar na mensagem do meu livro. (Bauman, 1998b, p. 237).

Falar de Janina, de certo modo, também é rememorar os mais de 60 anos que permaneceram casados e, conseqüentemente, do seu conceito de amor. Frequentemente, Bauman enfatiza a fragilidade dos laços humanos, marcada pela rotatividade e descarte após insatisfação — ou em busca de melhor satisfação — (Bauman 2004a, 2005, 2010b, 2012a). Acaba por chamar de *amor líquido*,

um amor “até segundo aviso”, o amor a partir do padrão dos bens de consumo: mantenha-os enquanto eles te trouxerem satisfação e os substitua por outros que prometem ainda mais satisfação. O amor com um espectro de eliminação imediata e, assim, também de ansiedade permanente, pairando acima dele. Na sua forma “líquida”, o amor tenta substituir a qualidade por quantidade — mas isso nunca pode ser feito, como seus praticantes mais cedo ou mais tarde acabam percebendo. (Bauman 2010a).

Diante de tantos amores líquidos, Bauman teve um casamento que não foi liquefeito, mesmo diante de crises. Ele aponta desafios e reconhece que foi preciso muito mais do que aquele convite imediato de casamento para que o amor amadurecesse ao longo dos anos:

Quando os parceiros se encontram, cada um traz a sua biografia, que precisa ser conciliada, e não se pode pensar em conciliação sem fazer concessões e auto-sacrifício. Eu e Janina, provavelmente, consideramos isso mais aceitável do que a perspectiva de ficarmos separados um do outro. No fim das contas é uma questão de escolha, do valor que se dá a estar junto com o parceiro e da força do amor, que torna o auto-sacrifício em prol do amado algo natural, doce e prazeroso, em vez de amargo e desanimador. (Bauman 2005)

O amor não é um objeto pré-confeccionado e pronto para o uso. É confiado aos nossos cuidados, precisa de um compromisso constante, ser regenerado, recriado e ressuscitado todo dia. Acredite, o amor satisfaz essa atenção maravilhosamente. Quanto a mim (e espero que também tenha sido assim para Janina<sup>5</sup>), eu posso lhe dizer: assim como o vinho, o sabor do nosso amor

---

<sup>5</sup> Nesta entrevista, Janina já havia falecido.

melhorou ao longo dos anos. (...) Desde o início, decidimos que estar juntos, embora difícil, é incomparavelmente melhor do que a sua alternativa. Uma vez tomada essa decisão, também se olha para a crise conjugal mais terrível como para um desafio a ser enfrentado. O exato oposto da declaração menos arriscada: “Vivamos juntos e vejamos como vai ser...”. Nesse caso, mesmo uma incompreensão assume a dimensão de uma catástrofe seguida pela tentação de pôr fim à história, abandonar o objeto defeituoso, buscar satisfação em outro lugar. (Bauman 2012a).

Vale destacar que embora a sociedade atual possa ser caracterizada por esse amor líquido, seus indivíduos não estão fadados a apenas esse amor líquido. É o que acontece com Bauman e Janina. É questão de escolha, cada qual pode fazê-la, mas lembrando que “algumas escolhas são mais fáceis e outras mais arriscadas. As escolhas aparentemente menos comprometedoras são mais simples do que as que requerem esforço e sacrifício” (Bauman 2012a).

### **A RIQUEZA LITERÁRIA.**

Um leitor de textos baumanianos, mesmo iniciante, se deparará com certa facilidade, com trechos ou nomes de autores literários. A seguir, o autor polonês comenta sobre o assunto ao mesmo em que também responde ao ser interrogado qual livro escolheria para levar consigo caso fosse abandonado hipoteticamente em uma ilha deserta:

Suspeito que deixar de render respeito e reverência aos “textos canônicos” (uma habilidade treinada que se estende a minhas relações com as atuais celebridades) foi meu pecado original aos olhos do estudioso-modelo. Essa falha não facilitou minha vida acadêmica: nunca fui bom na arte da exegese, em me “manter fiel à letra” de textos santificados, e isso sempre impediu minha admissão em qualquer escola ou panelinha. Em qualquer sociedade estabelecida eu estava fora de lugar. Mas em troca isso me deu o tipo de liberdade que eu não trocava pelo conforto do pertencimento: a liberdade de beber em qualquer fonte que eu considere inspiradora e sorver o quanto considerar digno de ser bebido

(...) [Quanto a escolha de um livro para a ilha deserta] seria muito difícil para mim escolher entre “O homem sem qualidades”, de

Robert Musil, “A vida, modo de usar”, de George Perec, “Labirintos”, de Jorge Luis Borges, e “Cidades invisíveis”, de Italo Calvino. Esses livros exemplificaram tudo que aprendi a desejar e tudo que busquei, em vão, atingir: a amplitude de visão, o estar à vontade em todos os compartimentos que constituem o tesouro do pensamento humano, a percepção do caráter multifacetado da experiência humana e a sensibilidade a suas possibilidades ainda não descobertas — o estilo de pensamento e de escrita que eu gostaria de dominar, mas infelizmente jamais consegui nem conseguirei. Se pressionado a limitar minhas escolhas, provavelmente ficaria com “O jardim de veredas que se bifurcam”, de Borges. (Bauman, 2011, p. 33, grifo nosso).

Sob o seu olhar, a sociologia deve facilitar e possibilitar um “diálogo contínuo com a experiência humana” (Bauman 2004b, p. 318), buscando apreender profundamente a nossa condição — que vai muito além da razão, envolvendo aquilo que é emocional, irracional, ambivalente, etc — com vistas a ajudar o ser humano a ser mais humano. Romances têm como principal vantagem oferecer um campo onde se encontra a riqueza dessa experiência, se aproximando mais dela até mesmo do que muitos relatórios das ciências sociais. A excessiva preocupação de alguns pesquisadores com estatísticas, categorias e outras coisas do gênero muitas vezes faz com que se perca de vista o que é essencial, a experiência humana, diferentemente daqueles autores, que são livres dos cânones acadêmicos e das restrições impostas às intuições, sentimentos e imaginação. Os procedimentos de avaliação de um e outro tipo de conhecimento são diferentes, e no caso das ciências sociais, nem sempre a relevância humana é levada em conta (Bauman 2004b, Bauman 2011d). “Eu, por exemplo, me lembro de ganhar de Tolstoi, Balzac, Dickens, Dostoievski, Kafka ou Thomas More muito mais *insight* sobre a substância das experiências humanas do que de centenas de relatórios de pesquisa sociológica” (Bauman 2004b, p. 318). Não se trata aqui de degenerar a Sociologia — embora exista realmente uma crítica, sobretudo, na perspectiva mais positiva —, mas sim de esclarecer o quanto romancistas e poetas não são inimigos do texto científico, pelo contrário, estão muito mais para colaboradores, companheiros de viagem.

Para ilustrar uma de suas inspirações na literatura, podemos apontar o



romance de Italo Calvino, *As Cidades Invisíveis*, citado anteriormente. Nele é relatado um diálogo fictício entre o veneziano Marco Polo e o imperador Kublai Khan, no qual este se maravilha com as narrativas daquele a respeito das cidades pelas quais passou em decorrência das atividades diplomáticas. Uma delas é Leônia, marcada, em suma, por sua opulência não estar tanto pelas coisas que são comercializadas (vendidas ou compradas), mas sim por aquelas que são jogadas fora para dar lugar a outras mais novas e diferentes. Questiona-se, então, se o prazer de seus habitantes não seria mais o descarte do velho em vez do desfrute do novo. Bauman faz uso recorrentemente desse aspecto para traçar um paralelo com os indivíduos da sociedade de consumidores. Eles também não estariam mais concentrados no ato de expelir do que no de adquirir? O curioso é que essa preocupação tem se estendido para conhecimentos e relacionamentos, este último através do conceito de amor líquido, abordado na última subseção (Bauman 2004a, Bauman 2008, Bauman 2009a).

## **DA MODERNIDADE SÓLIDA À LÍQUIDA**

Dada a importância do conceito de liquidez na obra baumaniana, um ponto importante que merece destaque — e que iremos tratar agora — é como aconteceu o *insight* desta definição, como foi o processo de construção. É importante discuti-lo uma vez que não raro pode-se pensar equivocadamente que os conceitos de solidez e liquidez são fases auto excludentes da modernidade, sem semelhanças entre elas, apenas diferenças. No prefácio à edição brasileira de “Legisladores e Intérpretes”, Bauman (2010a) trata desse assunto com precisão. Para explicar esse começa recorrendo metafóricamente a um teste psicológico que objetiva avaliar o grau de conservadorismo e “ajustabilidade” da percepção humana. Nele, uma série de imagens é mostrada em sucessão gradual, de modo que a figura de um gato se transforme paulatinamente e consistentemente — quase de modo imperceptível — em um cão. Assim, se percebe o atraso da percepção. Os olhos são induzidos a minimizar as variações ou “anomalias” que aparecem, que não se enquadram na

imagem original. Porém, embora possa levar tempo, chega um momento que a diferença é tão significativa que já não se pode mais negar que a mudança da primeira figura, ou mais, que existe uma nova em seu lugar. O mesmo acontece na ciência, nas “revoluções científicas”:

Os estudiosos tendem a atribuir tais fenômenos [as “anomalias”] a alguns erros detectados em seus procedimentos de investigação, ou a alguns fatores desconhecidos externos à área em pesquisa — todos no terreno da confiança justificada pelo paradigma a que obedecem, um paradigma que não pode dar conta de presenças estranhas. Contudo, no decurso do tempo, o número e a gravidade dos dados omitidos e deixados de fora tornam-se grandes demais para ser ignorados. E eis que ocorre aos pesquisadores que, em vez de serem visitantes alienígenas, aleatórios e contingentes à área sob análise, como inicialmente se supunha, tais aparições são intrínsecas a essa área e até bastante sistemáticas; são de fato características permanentes e inseparáveis dela. Tem início, assim, de forma séria, a busca de um “sistema” por trás da aparente aleatoriedade. É ativado então (...) o esforço para compor um “novo paradigma” que seja capaz de acolher, pôr em ordem e em todos os sentidos tornar inteligíveis os fenômenos que o paradigma “antigo” foi incapaz de antecipar, reconhecer e explicar. Em geral, leva um tempo considerável até que essa substituição do quadro cognitivo, urgentemente tomada como necessidade e buscada com desespero (...) seja concebida e posta em operação. (Bauman 2010a, p. 9-10).

Em outras palavras, trazendo para o contexto inicial, a percepção de uma sociedade líquido-moderna foi sendo aguçada vagarosamente, de maneira gradual. Se fizermos uma leitura mais atenta em sua obra, anterior à sua fase mosaica, podemos perceber já um prelúdio do conceito que viria a desenvolver, como encontramos nestes três livros:

Para Marx, como lembrou há pouco Marshall Berman, em sua bela e profunda análise da modernidade, *a nossa era uma época em que “tudo que é sólido desmancha no ar, tudo que é sagrado é profanado”*; *uma época com um ritmo de desenvolvimento de tirar o fôlego*, com uma multiplicação célere da riqueza material, de domínio sempre crescente da espécie humana sobre o ambiente natural, de emancipação universal de todas as restrições reais ou imaginárias que embaraçaram e obstruíram o potencial criativo humano por uma parte interminavelmente longa da história. (Bauman 2010a, p. 157-158,

grifo nosso)

Na verdade, a sorte dos judeus resumia a assustadora extensão da reviravolta social e servia como claro e impositivo lembrete da erosão das velhas certezas, da dissolução e evaporação de tudo antes considerado sólido e duradouro. (Bauman, 1998b, p. 66)

A verdade provável é que escolhas morais sejam de fato escolhas, e dilemas sejam de fato dilemas, e não os efeitos temporais e corrigíveis da fraqueza, ignorância ou estupidez humanas. (...) *Não há princípios fixos que se possam aprender, memorizar e desenvolver para escapar de situações sem bom resultado e poupar-se do amargo gosto posterior* (chame-o de escrúpulos, culpa, ou pecado) que vêm sem pedir na esteira das decisões tomadas ou realizadas. A realidade humana é confusa e ambígua e também as decisões morais, diversamente dos princípios filosóficos éticos abstratos, são ambivalentes. *É nesse tipo de mundo que devemos viver; e todavia, como que desafiando aos filósofos angustiados que não conseguem conceber moralidade “sem princípios”, moralidade sem fundamentações, demonstramos dia a dia que podemos viver, ou aprender a viver, ou tentar viver num mundo desse tipo, embora poucos de nós estejamos preparados para expressar, no caso de sermos interrogados, quais seriam os princípios que nos guiam, e ainda menos tenham ouvido falar das “fundamentações” que, como se supõe, não poderíamos dispensar para ser bons e gentis em nossas relações recíprocas.* (Bauman, 1997, p. 41, grifo nosso)

Nos dois primeiros, comenta-se de características do mundo contemporâneo, como a aceleração do ritmo de desenvolvimento ou a erosão das verdades, se referindo à esfumação dos sólidos — podemos dizer que “beliscando” a modernidade líquida. No terceiro exemplo, tratando da moralidade, menciona a fluidez — das fundamentações — de “princípios” norteadores da vida do indivíduo líquido-moderno. Neste caminho, um fator que angustiou o sociólogo foi o uso da expressão “pós-modernidade”, por três motivos interligados entre si: (1) o caráter “negativo” do termo: “[o conceito] nos dizia profusamente o que a realidade já não era, mas oferecia pouca informação sobre o que estava em seu lugar” (Bauman 2010a, p. 11); (2) a indicação de um fim da modernidade: “indica, portanto, que a modernidade já não é a nossa forma de vida, que a Era Moderna está encerrada, que ingressamos em outra forma de viver” (Bauman 2010a, p. 11); (3) a escassez de informação a respeito dessa outra forma de viver: “ofereceu pouca orientação sobre a identidade desta ‘outra forma’, de suas regras próprias, de sua lógica própria e de

suas características definidoras” (Bauman 2010a, p. 11). Dando uma ênfase ao segundo ponto, a declaração “presunçosa” do fim da modernidade, Bauman (2010a) diz que “até onde eu sabia, éramos modernos por completo; na verdade mais modernos que nunca (...) Éramos, de fato, tal como nossos predecessores imediatos, *modernizadores compulsivos* e obsessivos” (p. 11). Ou seja, a pós-modernidade era uma intensificação do modo de ser moderno, embora houvesse uma restrição:

A modernização compulsivo-obsessiva foi desde o princípio a mais profunda essência da modernidade, e nada sinalizava que estivessemos na iminência de nos libertar dessa compulsão, dessa obsessão. Com uma importante ressalva, porém: se nossos antepassados quiseram derreter todos os sólidos existentes, não foi pelo desagrado em relação à solidez, mas pela insuficiente (em sua opinião) solidez daqueles sólidos tradicionais/incorporados/estabelecidos. Eles consideravam “derreter os sólidos” uma medida meramente transitória, a ser aplicada apenas até que esses sólidos fossem produzidos de modo a não exigir nem permitir qualquer fusão posterior. (...) A mudança perpétua seria o único aspecto permanente (estável, “sólido”, se se quiser assim dizer) de nossa forma de viver.

A partir dessa conclusão, só havia um pequeno passo a se dar para definir como “líquido-moderna” aquela forma emergente de vida, aquela forma que era moderna de uma maneira radicalmente diferente daquilo que havíamos testemunhado (e de que havíamos participado) antes. (Bauman 2010a, p. 11-12).

Em outras palavras, diferente do que se pode pensar inicialmente, modernidade sólida e líquida não são conceitos dicotômicos, ambos retratam o desejo de mudança profunda da sociedade. Porém, o que distingue um do outro é apenas o limite do término deste processo. Se na fase sólida, a modernidade via um ponto final na sua tarefa de substituir os antigos sólidos por novos, mais aperfeiçoados e adequados à nova ordem, na fase líquida, a mudança não tem fim, ela é constante, célere e compulsiva. Portanto, podemos dizer que permanecemos modernos na medida em que na perspectiva baumaniana ser moderno significa “mudar compulsivamente”. Aliás, “a mudança é a nossa única permanência. E a incerteza, a nossa única certeza” (Bauman 2011b).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Lançando mão de uma coleção de entrevistas com Zygmunt Bauman e um punhado de seus livros, construímos — parcialmente e brevemente — a trajetória de sua vida, sempre buscando discuti-la com seu pensamento. Eis a principal contribuição deste artigo. Neste caminho, apontamos alguns autores recorrentes em seus textos, revelando até mesmo um estilo peculiar de escrita haja vista os romancistas, e debatemos alguns de seus conceitos principais, enfatizando, diga-se de passagem, a distinção — ou aproximação — de solidez e liquidez, dada a importância destas concepções em seus trabalhos. Desta forma, é possível compreender melhor determinadas ideias e escolhas da obra do sociólogo.

Entretanto, é fundamental afirmar que, ao realizar tal trabalho, não pretendemos reduzir a visão de mundo de Bauman a questões biográficas; pelo contrário, vai além disso, como acontece com sua percepção do Holocausto a partir da experiência de Janina. Efetuar esse tipo de reducionismo seria castrador, como ressalta Keith Tester, ao defender que está errado quem conclui que todo pensamento é autobiográfico (Bauman 2011a). Além disso, maiores detalhes de sua história de vida não são facilmente divulgadas por opção do próprio autor, por motivos já citados anteriormente. Por isso mesmo, podemos dizer que nossa tarefa principal foi investigar o que de sua vida e formação está presente em seu pensamento.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Aquino, S. R. F (2011). **Ética e moral no pensamento de Bauman**. Cadernos Zygmunt Bauman, v. 1, n.2, p. 35-47.

Almeida, F. Q.; GOMES, M. G. & Bracht, B. (2009). **Bauman & a Educação**. Autêntica Editora, Belo Horizonte.

Bauman, J. (2005). **Inverno na manhã: uma jovem no gueto de Varsóvia**. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_ (1997). **Ética pós-moderna**. Paulus, São Paulo.

- \_\_\_\_\_ (1998a). **O mal estar da pós-modernidade**. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_ (1998b). **Modernidade e Holocausto**. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_ (1999a). **Globalização: as conseqüências humanas**. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_ (1999b). **Modernidade e ambivalência**. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_ (2001). **Modernidade líquida**. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_ (2004a). **Amor líquido**. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_ (2004b). **Entrevista com Zygmunt Bauman. Entrevista concedida a Maria Lúcia Pallares-Burke**. *Tempo Social*, 16(1):301–325.
- \_\_\_\_\_ (2005). **Zygmunt Bauman, globalização, modernidade, sociedade fragmentada.:** entrevista. Entrevista concedida ao Jornal O Globo.
- \_\_\_\_\_ (2007). **Professor with a past**. Entrevista concedida a Aida Edemariam, The Guardian.
- \_\_\_\_\_ (2008). **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadorias**. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_ (2009a). **Zygmunt Bauman: entrevista sobre a educação. desafios pedagógicos e modernidade líquida**. *Entrevista concedida a Alba Porcheddu. Cadernos de Pesquisa*, 39 (137):661–684.
- \_\_\_\_\_ (2009b). **O velho mundo está morrendo, mas o novo ainda não nasceu**. Entrevista concedida a Héctor Pavón, Jornal Clarín, 18 de julho de 2009.
- \_\_\_\_\_ (2009c). **A arte da vida**. Entrevista concedida a Luis Fridman, Blog da Zahar Editora.
- \_\_\_\_\_ (2010a). **Legisladores e intérpretes**. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_ (2010b). **Vivemos tempos líquidos: nada é para durar**. Entrevista concedida a Adriana Prado, Revista Isto É Independente, 24 de setembro de 2010.
- \_\_\_\_\_ (2010c). **Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos**. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_ (2011a). **Bauman sobre Bauman: diálogos com Keith Tester**. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.
- \_\_\_\_\_ (2011b). **O desmanche da solidez**. Entrevista concedida ao Caderno Sabático. Jornal O Estado de São Paulo, n. 37, 30 de abril de 2011.
- \_\_\_\_\_ (2011c). **Vida em fragmentos: sobre a ética pós-moderna**. Jorge Zahar
- vol. 4, num. 8, 2014**

Ed., Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_ (2011d). **Zygmunt Bauman: Fronteiras do pensamento**. Entrevista concedida ao *Fronteiras do pensamento*.

\_\_\_\_\_ (2012a). **A filosofia da rotina**. Entrevista com Zygmunt Bauman. Entrevista concedida ao *La Republica*.

\_\_\_\_\_ (2012b). **Isto não é um diário**. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_ (2013). **Sobre educação e juventude: conversas com Riccardo Mazzeo**. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_ (2014a). **Cegueira moral: A perda da sensibilidade na modernidade líquida**. Jorge Zahar Ed., Rio de Janeiro.

\_\_\_\_\_ (2014b). **Vivemos o fim do futuro**. Entrevista concedida a Luís Antônio Giron, *Revista Época*, 19 de fevereiro de 2014.

\_\_\_\_\_ (2014c). **Zygmunt Bauman: “Resulta muy difícil encontrar una persona feliz entre los ricos”**. Entrevista concedida a Núria Escur, *La Vanguardia*, 17 de maio de 2014.

Bracht, V., Gomes, I. M., and Almeida, F. Q. (2012). **O pensador da liquidez**. *Revista Carta Capital*, 13 de abril de 2012.

Manfio, J. N. M. (2012). **No dia em que encontrei Zygmunt Bauman**. *Caderno Literatura*, n. 1505

Santos, D. M. B. (2012). **A convergência tecnológica líquida no contexto da sala de aula: um recorte do ensino superior público baiano sob a ótica discente**. Tese (Doutorado em Difusão do Conhecimento) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

Tester, K. & Jacobsen, M. H. (2005). **Bauman Before Postmodernity: Invitation, Conversations and Annotated Bibliography 1953-1989**. *Aalborg University Press, Aalborg*. Zahar Editora (2014). Catálogo: Zygmunt Bauman. Editora Zahar.